

adenda electrónica

N.º 14 | Dezembro 2006

[<http://almadan.cidadevirtual.pt>]

[em migração para

<http://www.almadan.publ.pt>]

SUMÁRIO

adenda electrónica

- I **Sumário**
- II **Editorial** | Jorge Raposo
- Arqueologia**
- III **O Espólio Lítico de Santo Antão do Tojal**
João Oliveira Costa
- IV **O Santuário Rupestre do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo)**
Luís Filipe Loureiro
- V **Espaços e Estratigrafias da Qt.ª de St.º António / Qt.ª da Torrinha (Monte de Caparica, Almada)**
Rui Pedro Barbosa e Pedro López Aldana
- VI **Ocupação Romana no Subsolo da Travessa do Mercado (V. F. de Xira)**
João Pimenta e Henriques Mendes
- VII **O Lugar da Idade do Bronze do Lombo da Enxurreira (Riba de Âncora, Caminha)**
Luís Filipe Loureiro e Ivone Magalhães
- VIII **Tafonomia, Paleodemografia e Morfologia (Convento de Jesus, Lisboa)**
Filipe Ribeiro Bártios
- Opinião**
- IX **Sobre uma Nova Legenda Monetária Ibérica: *leuni* ou *laBini*?**
António Marques de Faria
- Património**
- X **Requalificação das Coleções de Arqueologia Pré-Histórica do Museu Geológico**
José M. Brandão
- XI **O “Padrão dos Povos” de *Aquae Flaviae***
João Mário Martins da Fonte
- XII **Notícias: actividade arqueológica**

al-madan IIª Série, n.º 14, Dezembro 2006

adenda electrónica**Propriedade**

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada PORTUGAL
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail almadan@mail.telepac.pt

Registo de imprensa 108998

[Http://almadan.cidadevirtual.pt](http://almadan.cidadevirtual.pt)[em migração para <http://www.almadan.publ.pt>]

ISSN 0871-066X

Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo (director.almadan@clix.pt)

Conselho Científico Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Colunistas Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Vítor Mestre,
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

Colaboram na edição em papel Ass. Port. Avaliação de Impactes,
Miguel Almeida, Jorge António, Thierry Aubry, Helena Barranhão,
Pedro Barros, Lília Basílio, Luísa Batalha, Fátima Bento, José Bettencourt,
Nuno Bicho, Jean-Yves Blot, Pedro Braga, Jacinta Bugalhão, João P.
Cabral, Marco Calado, João Caninas, Guilherme Cardoso, Rosalina
Carmona, António R. Carvalho, Patrícia Carvalho, Helena Catarino,
João Catarino, Manuela Coelho, João Costa, Eugénia Cunha, Adriaan
De Man, Fernando Dias, Gina Dias, A. Dias Diogo, Ana L. Duarte,
Carlos Fabião, Lídia Fernandes, Mª Teresa Ferreira, Sofia Figueiredo,
Iola Filipe, Vítor Filipe, João Fonte, Tiago Fontes, Ana Gaspar, M.
Varela Gomes, R. Varela Gomes, Filipe Gonçalves, Vítor S. Gonçalves,
Suzana T. Grave, Jorge A. Guedes, Amílcar Guerra, Fernando
Henriques, Mafalda Jorge, Vítor O. Jorge, Virgílio Lopes, Luís Luís,
Isabel Luna, António Marques, José Meireles, Vítor Mestre, Mário
Monteiro, João Muralha, Pedro Narciso, Nuno Neto, Mª João Neves,
N'zinga Oliveira, Luiz Oosterbeek, Rui Parreira, Gabriel R. Pereira,
Teresa R. Pereira, Marina Pinto, João Raposo, Jorge Raposo, Luís
Raposo, Paulo Rebelo, João Rebuge, Ana Ribeiro, Leonor Rocha,
Armando Sabrosa, Jorge D. Sampaio, Raquel Santos, António M.
Silva, Teresa Soeiro, Manuela Teixeira, João P. Tereso, Ana M. Vale,
António C. Valera, Gonçalo L. Velho, Alexandra Vieira

Colaboram na Adenda Electrónica M. Arsénio, Rui P. Barbosa, José
Bettencourt, José M. Brandão, João Cabral, Patrícia Carvalho, Luís
Cónego, João O. Costa, António M. de Faria, Cristóvão Fonseca, João
M. da Fonte, Tiago Fontes, Pedro López Aldana, Luís F. Loureiro,
Ivone Magalhães, Henrique Mendes, J. Miranda, Nuno Neto, Lurdes
Nieuwendam, João Pimenta, Salete da Ponte, Margarida Ramalho,
Paulo Rebelo, Filipe Ribeiro Bártios, Raquel Santos, António L. Tavares

Publicidade Elisabete Gonçalves**Apoio administrativo** Palmira Lourenço

Resumos Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico Vera Almeida e Jorge Raposo**Paginação electrónica** Jorge Raposo**Tratamento de imagem** Jorge Raposo**Ilustração** Jorge Raposo**Revisão** Maria Graziela Duarte, Fernanda Lourenço**Pré-impressão** GC Design Ldª**Impressão** Printer Portuguesa**Distribuição da edição em papel** CAA

Distribuição da Adenda Electrónica distribuição gratuita através
de <http://almadan.cidadevirtual.pt>

Tiragem da edição em papel 1500 exemplares**Periodicidade** Anual**Apoios** C. M. de Almada, C. M. do Seixal e Inst. Port. da Juventude

Capa Jorge Raposo

Fase de escavação de um dos fornos da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal, 1988), em homenagem ao Amigo recentemente desaparecido, Armando Sabrosa, que na imagem trabalha na companhia de Maria Fernanda Lourenço.

Fotografia © Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada

O ano de 2006 fica marcado pela criação do IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, que reúne atribuições e competências dos antigos IPA, IPPAR e DGEMN e concretiza a anunciada reformulação dos institutos públicos na área do Património, transformando radicalmente a tutela que condiciona a gestão pública e privada do Património e tem a missão de definir o futuro enquadramento da actividade arqueológica no nosso país.

Contudo, uma vez que o enquadramento legislativo final e o modo de materialização desta solução só serão conhecidos em 2007, as páginas da edição impressa da *Al-Madan* n.º 14 centram a sua atenção noutra acontecimento com reflexos importantes na sociedade portuguesa: o início da aplicação do “modelo de Bolonha” ao ensino superior universitário e politécnico.

De facto, no ano lectivo de 2006-2007, boa parte das ofertas de formação superior foram reformuladas, no sentido de integrar o sistema português numa “Área Europeia do Ensino Superior” que reflecta os mecanismos de integração europeia nos planos da igualdade de oportunidades e da mobilidade dos cidadãos. Tendo subjacente um novo paradigma pedagógico, mais centrado na acção do aluno, a adesão a Bolonha implicou a reformulação dos graus académicos, dos planos de curso e dos conteúdos curriculares, para facilitar a sua compatibilidade e complementaridade. Um estudante europeu poderá, a partir de 2010, quando se prevê que o novo sistema esteja generalizado, circular por diferentes estabelecimentos de ensino, no seu país ou no estrangeiro, acumulando créditos transferíveis que lhe garantem a equivalência e o reconhecimento das habilitações académicas.

Em dossiê especial, *Al-Madan* apresenta uma síntese do processo e dos seus objectivos, da forma como o sistema de ensino português se está a reajustar e da procura que esta nova oferta suscitou na última fase do concurso de ingresso, nas áreas da Arqueologia, da História, do Património e da Conservação. São também incluídos alguns textos de opinião e é dada oportunidade aos representantes dos diferentes estabelecimentos de ensino para apresentarem as propostas pedagógicas com que respondem aos desafios de Bolonha.

Para além disso, na continuidade da experiência iniciada com sucesso em 2005, a edição inclui ainda uma *Adenda Electrónica*, que permite explorar a crescente expansão da Internet para distribuir outros conteúdos junto de um universo de utilizadores potencialmente muito vasto.

Com um tratamento editorial em tudo semelhante ao do tradicional volume em papel, o *site* da *Al-Madan Online* constitui assim uma via suplementar de comunicação entre autores e leitores, promovendo a difusão alargada da cultura científica, sem os constrangimentos e as limitações de distribuição que sempre enfrentam iniciativas desta natureza.

Jorge Raposo

Ocupação Romana no Subsolo da Travessa do Mercado

(Vila Franca de Xira)

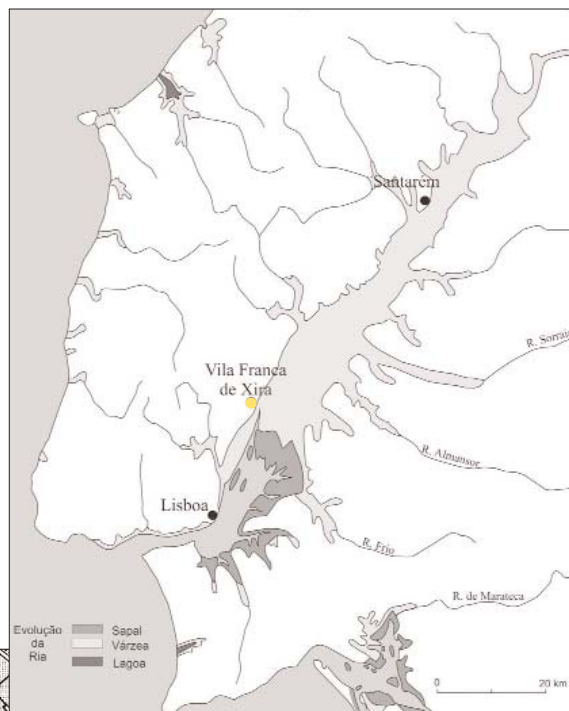
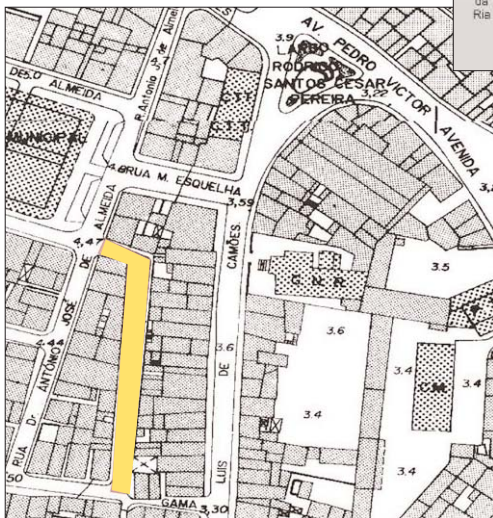
por João Pimenta e Henrique Mendes

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

1. Introdução (razões da intervenção)

O trabalho de acompanhamento arqueológico da Travessa do Mercado (TM06) inseriu-se no âmbito do projecto de substituição da rede de esgotos no subsolo desta artéria, em pleno centro da Cidade de Vila Franca de Xira.

Esta obra implicou a abertura de valas de diversa profundidade, desde o seu cruzamento com a Rua Vasco da Gama até à Rua Dr. António José D'Almeida.



Apesar de outrora se situar fora do “núcleo antigo” de ocupação da vila medieval, o acompanhamento do projecto era essencial para aferir da existência de dados sobre anteriores ocupações nesta área da cidade e minimizar os eventuais impactos sobre estes.

← Figuras 1 e 2 ↑

Em cima, localização de Vila Franca de Xira no Vale do Tejo.

À esquerda, localização da Travessa do Mercado no núcleo urbano.

r e s u m o

Resultados do acompanhamento arqueológico de obras no subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira, Lisboa), com identificação de vestígios de ocupação romana ainda difíceis de caracterizar: um casal agrícola, uma *villa* junto a uma via ou uma estrutura de apoio à circulação nessa mesma via?

O espólio recolhido aponta para uma ocupação entre os séculos I e III d.C.

p a l a v r a s c h a v e

Época Romana; *Villae*; Arqueologia Urbana.

a b s t r a c t

Results of the archaeological follow-up of underground works carried out at the Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira, Lisbon). The vestiges of Roman occupation identified are still difficult to characterise: a farming house, a *villa* next to a road or another type of infrastructure to support road circulation?

The remains collected seem to show occupation between the 1st and IIIrd centuries d.C.

k e y w o r d s

Roman times; *Villae*; Urban archaeology.

r é s u m é

Résultats du suivi archéologique de travaux dans le sous-sol de la Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira, Lisbonne), avec l'identification de vestiges de l'occupation romaine encore difficiles à définir: une métairie, une *villa* proche d'une voie ou une structure relais pour la circulation sur cette-même voie ? Le butin recueilli désigne une occupation entre le I^{er} et le III^{ème} siècle Ap. J.-C.

m o t s c l é s

Epoque Romaine; *Villae*; Archéologie Urbaine.

2. Enquadramento histórico

Pouco podemos dizer acerca do espaço alvo de intervenção. Situado na margem Sul da Ribeira de Santa Sofia, trata-se de uma zona plana no sopé da ampla elevação da Costa Branca, com terrenos férteis e abundantes em água, reunindo condições propícias à implantação humana desde época recuada ¹.

Os dados sobre a sua ocupação antiga são no entanto escassos, limitando-se à implantação a partir de época indeterminada, de algum casario nas imediações da antiga Estrada Real. Esta importante via segue o traçado da antiga estrada romana entre *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa) e *Praesidium Iulium Scallabis* (Santarém), como podemos comprovar na escavação do edifício do Museu do Neo-Realismo, assumindo-se como o elemento estruturante do futuro urbanismo medieval e moderno ².

Disposto fora do primitivo casco antigo, a área em análise terá sido urbanizada apenas em inícios do século XX, no âmbito do projecto de crescimento planeado sobre uma antiga área rural, a quinta do Serrado (LUCAS 2003: 112).

A intervenção teve início a 22 de Maio de 2006 e prolongou-se até 31 do mesmo mês. O acompanhamento da execução da obra decorreu em simultâneo com a implantação das estruturas de saneamento, tendo-se monitorizado todos os trabalhos com impacto a nível do subsolo.

¹ Recentes trabalhos arqueológicos que temos vindo a desenvolver no Vale de Santa Sofia atestam a ocupação humana desde a Idade do Bronze final.

² A escavação de emergência que conduzimos no âmbito da construção do futuro Museu do Neo-Realismo, permitiu identificar um extenso troço da primitiva via romana (apresentando ainda 5,20 metros de largura e 20 metros de comprimento na área intervencionada). A leitura em área da estratigrafia associada a esta grande estrutura revelou-se particularmente interessante, tendo sido possível estudar as suas técnicas de construção, a sua fase de utilização e o progressivo abandono ao longo do tempo.

3. Descrição dos trabalhos

A substituição do sistema de saneamento revelou-se complexa e problemática, dada a necessidade de conciliar a sua renovação com o facto de estarmos a lidar com um conjunto de esgotos em utilização diária. Esta ocorrência condicionou os trabalhos, visto que por questões de higiene e segurança nem sempre foi possível efectuar a limpeza dos cortes mais profundos, onde durante a substituição do antigo esgoto passavam a correr momentaneamente os resíduos.

As valas incidiram em duas frentes distintas, abertas progressivamente:

– uma primeira, na parte central da Travessa, com cerca de 1,40 metros de profundidade, tinha como objectivo redescobrir o antigo esgoto, contemporâneo da urbanização desta área em inícios do século passado;

– paralelamente a esta, junto às fachadas dos edifícios, abriram-se duas valas com cerca de um metro de profundidade, para a implantação das canalizações das águas residuais.

A sua abertura revelou uma estratigrafia com uma prometedora potência, não se tendo nunca atingido os níveis de base geológicos. Apesar de todos os revolvimentos recentes, foi possível identificar algumas unidades estratigráficas, preservadas nos pontos onde se atingiu maior profundidade, reveladoras de ocupações antigas deste espaço.

Nesta área efectuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE1 – Calçada de calcário branco. Século XX.

UE2 – Preparação para assentamento da calçada. Camada arenosa de tom castanho claro. Grão fino, medianamente compacta. Composta por areão e pedras de pequeno e médio calibre.

UE3 – Camada argilo-arenosa de tom castanho. Grão fino, medianamente compacta. Composta por nódulos de argamassa branca e amarela dispersos, telhas e tijolos e pedras de pequeno médio calibre. Cerâmica comum e vidrada moderna, faianças e ossos. Preenche a UE4.

UE4 – Vala para a implantação do esgoto (UE5, 7). Corta a UE8 e cobre a UE5.


UE5 – Tampa de esgoto UE7. Composto por grandes lajes calcárias afeiçoadas para o efeito. Cobre a UE6 e 7.

UE6 – Camada essencialmente composta por material orgânico. Preenche o esgoto UE7, ainda em funcionamento.

UE7 – Estrutura pétreia constituída por blocos calcários unidos entre si por um ligante de argamassa amarela muito compacto. Corresponde à caleira de esgoto desta artéria da cidade. Preenchido pela UE6 e coberto pela UE5.

UE8 – Camada argilo-arenosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacta. Com-

PUBLICIDADE



edição CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

- **LEIA...**
- **COLABORE...**
- **DIVULGUE...**



informações sobre a edição impressa em <http://almadan.cidadevirtual.pt>
[em migração para <http://www.almadan.publ.pt>]

posta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argamassa branca e telhas de canudo. Fragmentos de cerâmica comum, vidrada a verde e faianças azul e branco setecentistas. Surgem ainda alguns fragmentos de cerâmica comum romana revolvidos. Cortado pela UE4 e coberto pela UE2.

UE9 – Camada argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, fragmentos de telhas e pedras de pequeno médio calibre. O espólio é numeroso e constituído por cerâmica de construção e cerâmica comum romana, fragmentos de ânforas e um fragmento de fundo de terra *sigillata* africana. Cortado pela UE4 e coberto pela UE2. Esta UE apenas se identificou numa área muito restrita das valas.

4. Sequência de ocupação

Sob os níveis de pavimentação actual UE1 e UE2, identificámos distintas realidades:

1 – Uma camada argilo-arenosa de tom castanho (UE3), muito revolvida, que viemos a identificar como a camada que preenchia a vala de implantação (UE4) do antigo esgoto. A sua escavação revelou algum espólio cerâmico, muito fracturado e remexido, alcançando um vasto espectro temporal, desde meados do século XVIII a inícios do XX. Esta unidade assentava directamente sobre as lajes calcárias que constituíam o capeamento do esgoto ainda em uso (UE5). Após a sua limpeza removeu-se esta cobertura, revelando uma caleira de esgoto constituída por blocos calcários unidos entre si por um ligante de argamassa amarela muito compacto.

2 – Uma camada argilo-arenosa de tom castanho-escuro (UE8), medianamente compacta com espessura indeterminada, mas apresentando nos sítios em que foi possível ir mais fundo cerca de 1,20 metros. Esta camada encontrava-se cortada pela vala para implantação do esgoto (UE4). O espólio é pouco numeroso e muito fragmentado, tendo no entanto sido possível recolher algum material essencialmente cerâmico. Entre este destacam-se alguns fragmentos de panelas e malgas de cerâmica comum, bordos de grandes alguidares vidrados a verde e faianças azul e branco setecentistas. Uma análise preliminar deste conjunto cerâmico aponta para uma cronologia lata, desde meados do século XVII a finais do XVIII. Surgem ainda alguns fragmentos de cerâmica comum romana revolvidos. As áreas em que podemos limpar os cortes não revelaram qualquer tipo de estruturas associadas a esta unidade estratigráfica, não sendo claro qual o seu significado. No entanto, parece-nos possível, como hipótese de trabalho, estar perante uma situação de aterro progressivo e generalizado desta área a partir de meados do século XVIII.

3 – Junto à fachada do edifício n.º 4, a abertura da vala lateral remexeu nos níveis mais profundos, contextos primários de uma anterior ocupação romana até ao momento desconhecida. Infelizmente, não foi possível observar *in situ* qual a correlação estratigráfica com as outras unidades aí identificadas. Esta camada (UE 9) só foi identificada já revolvida, no monte de terras ao lado da vala. É composta por um sedimento argiloso de tom castanho-escuro grão fino, apresentando-se muito compacta.

5. Ocupação romana

Apesar da exiguidade da área intervencionada o espólio é muito numeroso. Este caracteriza-se por uma típica patine, resultante de uma profunda erosão provocada pela circulação de água nos níveis freáticos.

O material exumado é maioritariamente constituído por fragmentos cerâmicos, à excepção de alguns elementos metálicos incaracterísticos.

O conjunto principal é o da cerâmica comum, sendo constituído por bordos de panelas, potes, malgas, um *dolium* e um almofariz (Fig. 3, n.ºs 1, 2 e 3), com paralelos nas olarias lusitanas de época Alto Imperial.

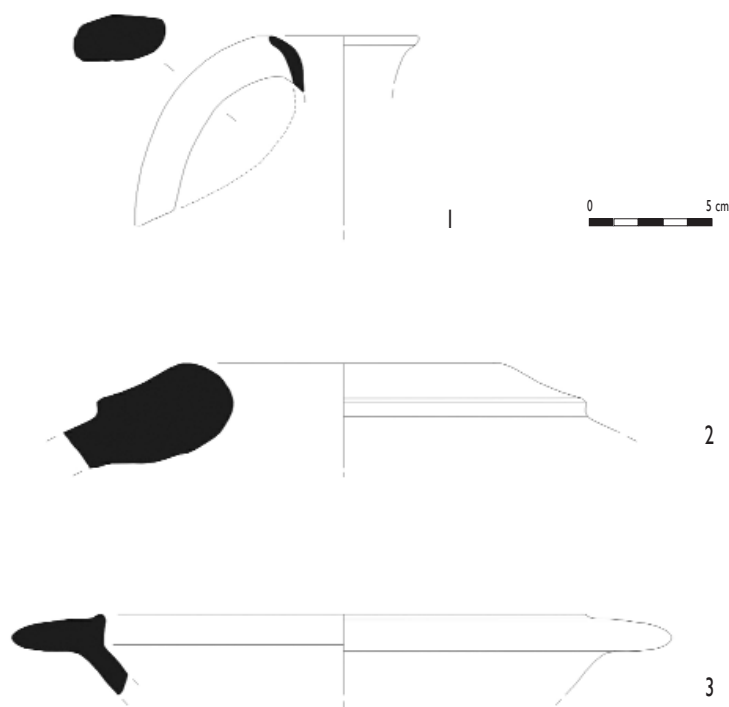


Figura 3

Cerâmica comum romana, possivelmente do vale do Tejo.

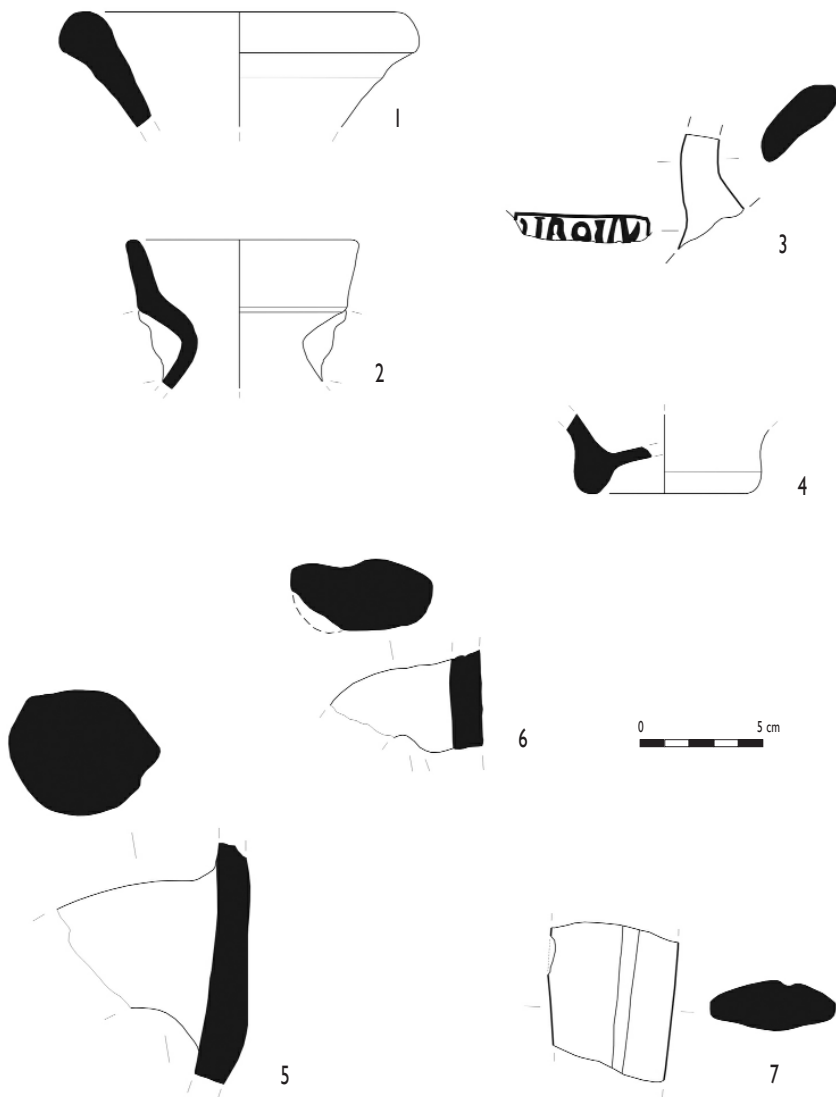


Figura 4 ↑

Ânforas romanas:

- 1. Forma Dressel 7-11 Bética;
- 2, 3, 4 e 7. Forma Lusitana 3;
- 5. Asa de Dressel 20 Bética;
- 6. Asa de Dressel 14 Lusitana.

As ânforas estão bem representadas, dominando os contentores produzidos nas olarias do vale do Tejo / Sado. Identificámos uma asa pertencente ao tipo Dressel 14 (Fig. 4, n.º 6), e diversos fragmentos pertencentes a diferentes recipientes do tipo Lusitana 3 (Fig. 4, n.ºs 2-4 e 7).

Esta característica forma de pequenas dimensões e bojo globular encontra-se bem atestada nos centros produtores do vale do Tejo, sendo-lhe conhecida uma abundante e bem documentada tradição epigráfica na olaria do Porto dos Cacos (GUERRA 1996 e FABIÃO e GUERRA 2004).

Entre os fragmentos desta forma, individualizámos um arranque de asa, evidenciando uma marca gravada na argila fresca (Fig. 4, n.º 3, e Fig. 5). Infelizmente, a peça encontra-se em mau estado de conservação e não é totalmente clara a sua leitura. A marca encontra-se gravada numa cartela rectangular com cerca de cinco centímetros, sendo visíveis seis ou sete letras. A comparação com as marcas conhecidas não permite uma atribuição clara.

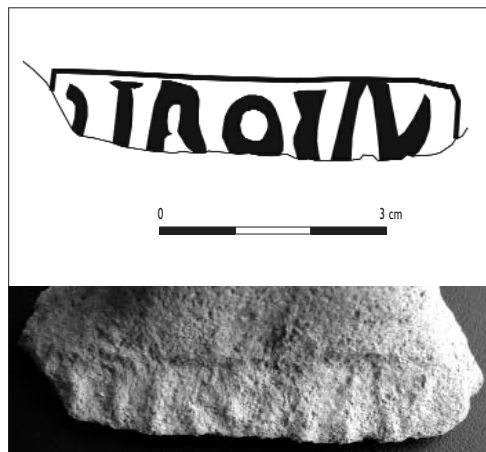


Figura 5

Marca de ânfora Lusitana 3.

Como hipótese de trabalho, é possível a leitura [L TROIAN], com um nexa entre o NA. No entanto outras leituras se afiguram prováveis, não sendo de afastar estarmos perante um selo gravado em *retro*.

Esperamos brevemente poder voltar a esta peça noutra enquadramento e após o seu tratamento e limpeza laboratorial.

As importações de produtos alimentares em ânforas da vizinha província da *Baetica* estão documentadas por dois indivíduos: uma asa de ânfora oleícola do tipo Dressel 20 (Fig. 4, n.º 5), e um bordo de uma ânfora piscícola do tipo Dressel 7-11 (Fig. 4, n.º 1).

As cerâmicas finas de mesa encontram-se praticamente ausentes, tendo-se apenas recolhido um fragmento de fundo, em mau estado de conservação, de terra *sigillata* africana clara A, que aponta para uma cronologia relativa de meados do século II-III d.C. (Fig. 8, n.º 1).

Por último, as cerâmicas de construção encontram-se bem atestadas por diversos fragmentos de tijoleiras e cerâmica de cobertura como imbrices e tégulas (Fig. 6, n.º 3).

6. Considerações finais

Apesar de todos os condicionalismos inerentes a uma intervenção desta natureza, o acompanhamento arqueológico realizado na Travessa do Mercado veio a revelar novos dados sobre a história da cidade de Vila Franca de Xira, reforçando a importância da realização deste tipo de trabalhos.

Embora os primeiros indícios sobre a presença romana no subsolo da cidade, datem já de finais do século XIX, quando na área da Quinta do Borrecho foram detectadas “ruínas de edifícios e tijolos” (PAR-



Figura 6 ↑

Cerâmica comum romana, possivelmente do vale do Tejo (n.ºs 1 e 2), e tégula (n.º 3)

REIRA 1988: 103), foi necessário aguardar pelo século XXI para que novas intervenções viessem trazer outra luz sobre estes dados.

A descoberta de uma ocupação de época romana no subsolo desta artéria coloca uma série de questões, para as quais de momento não podemos apresentar mais do que hipóteses. Que tipo de sítio é este? Estaremos perante um casal agrícola, de exploração dos férteis terrenos junto às margens do Tejo, perante uma *villa* implantada perto da estrada romana, ou perante uma estrutura de apoio da própria via?

A análise do espólio recolhido, apesar de não ser conclusiva, atesta a presença de importações de produtos alimentares do Sul peninsular e de cerâmica fina do Norte de África, reveladoras da presença de trocas comerciais ao longo dos séculos I-III d.C.

Em relação aos materiais de construção, estes permitem aferir da existência de áreas cobertas, tendo-se recolhido tégulas e imbrices, assim como construções indeterminadas, sugeridas pelos restos de tijolos e fragmentos de tijoleiras de pavimento.

A observação da dispersão dos materiais permite antever uma ampla área de ocupação, estendendo-se pelo menos numa área de cerca de 30 metros, desde

a porta do n.º 4 à porta do n.º 20 da Travessa do Mercado. Só a continuação do acompanhamento da abertura das valas nas ruas limítrofes permitirá limitar a sua real dimensão. Limite esse que necessariamente se deverá estender sob os actuais edifícios que ladeiam esta artéria até à estrada real. Neles deve incidir especial cuidado no futuro, na realização de obras de reabilitação, acautelando-se o devido registo arqueológico.

↑ Figura 7

Cerâmica comum romana, possivelmente do vale do Tejo.

Bibliografia

- BANHA, C. M. S. (1991-1992) – “As Ânforas da *Villa Romana de Povos*”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: C. M. Vila Franca de Xira. 5: 50-90.
- CAMACHO, C.; CALAIS, C. e NUNES, G. (1996) – “A Presença Romana no Concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar e animar”. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: C. M. Seixal / Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 179-191 (*Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*).

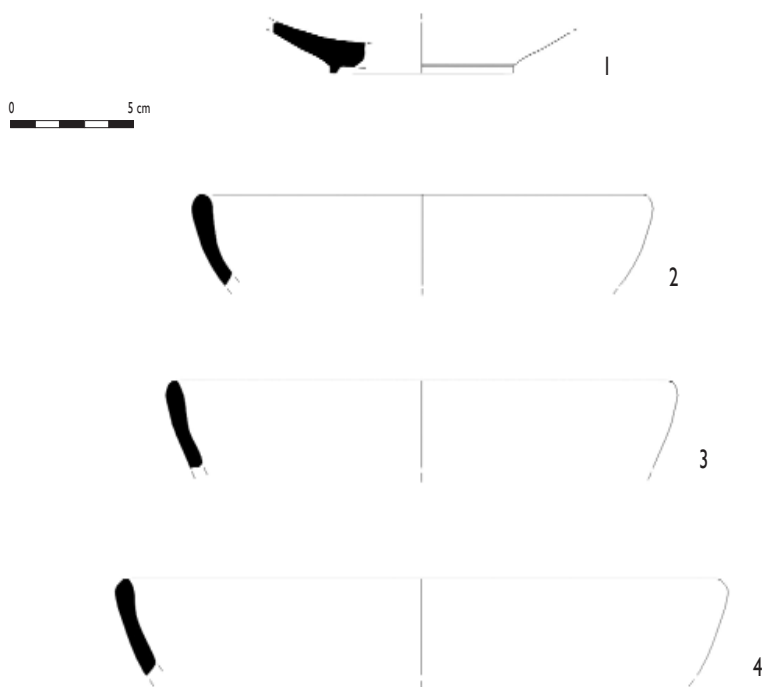


Figura 8 ↑

Fragmento de fundo de terra sigillata Africana (n.º 1) e cerâmica comum romana (n.ºs 2 a 4).

DIOGO, A. D. (1987) – “Quadro Tipológico das Ânforas de Fabrico Lusitano”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 5: 179-191.

DIOGO, A. M. D. (1996) – “Elementos Sobre Ânforas de Fabrico Lusitano”. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: C. M. Seixal / Lisboa: Pub. Dom Quixote, pp. 61-71.

FABIÃO, C. (1996) – “Sobre a Tipologia das Ânforas da Lusitânia”. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: C. M. Seixal / Lisboa: Pub. Dom Quixote, pp. 372-390.

FABIÃO, C. (2004) – “Centros Oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação”. In *Figlinae Baeticae*. Talleres, alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana”. *British Archaeological Reports, International Series*. 1266: 379-410.

FABIÃO, C. e GUERRA, A. (2004) – “Epigrafia Anfórica Lusitana. Uma perspectiva”. In REMESAL RODRÍGUEZ, J., eds. *Epigrafia Anfórica. Proyecto Amphorae*. Barcelona: Universitat de Barcelona. *Col·lecció Instrumenta*, 17, pp. 221-244.

GUERRA, A. (1995-97) – “A Respeito do Nome de Vila Franca de Xira”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 7: 155-165.

GUERRA, A. (1996) – “Marcas de Ânfora Provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete)”. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: C. M. Seixal / Lisboa: Pub. Dom Quixote, pp. 372-390.

GUERRA, A.; BLOT, M. L. e QUARESMA, J. C. (2000) – “Para o Enquadramento do Sítio de Povos, um Estabelecimento Romano do Curso Inferior do Tejo”. In *Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Vila Franca de Xira: C. M. Vila Franca de Xira, p. 29-42 (catálogo de exposição).

HARRIS, E. C. (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. 2nd edition. London-San Diego: Academic Press.

LUCAS, M. M. (2003) – “Vila Franca de Xira: História, urbanismo e identidade”. In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Vila Franca de Xira: C. M. Vila Franca de Xira, pp. 99-116.

MANTAS, V. G. (1993) – “A Rede Viária Romana do Território Português”. In MEDINA, João (dir.). *História de Portugal*. Ediclube. Vol. II, pp. 313-230.

MAYET, F.; SCHMITT, A. e SILVA, C. T. (1996) – *Les Amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion de Bocard.

PARREIRA, Rui (1988) – “Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 3: 96-105.

QUARESMA, J. C. (2005) – “Ânforas Romanas Provenientes da Pesca de Arrasto no Tejo, Depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (2): 403-428.

RAPOSO, J. M. C.; SABROSA, A. J. G. e DUARTE, A. L. C. (1995) – “Ânforas do Vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)”. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Vol. 7: 331-352.

http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/archive/amphora_ahrb_2005/
<http://ceipac.ub.edu>

PUBLICIDADE

AGENDA ONLINE

toda a informação...

... à distância de alguns toques

reuniões científicas | acções de formação
novidades editoriais | exposições | turismo cultural

al-madan Online

disponível em <http://almadan.cidadevirtual.pt>
[em migração para <http://www.almadan.publ.pt>]